



QUE NEGRO É ESSE NA CULTURA DA MÍDIA? UMA ANÁLISE A PARTIR DO CONTEXTO GAÚCHO

Wesley Pereira Grijó¹

Resumo

O artigo objetiva discutir as relações de hegemonia e subalternidade através da perspectiva da cultura da mídia, com foco na presença de um repórter negro na principal emissora de televisão do Rio Grande do Sul. A discussão é baseada na contribuição teórico-metodológica de Kellner (2001), conhecida como crítica diagnóstica. Analisa-se uma série de reportagens sobre a remoção de famílias pobres do centro de Porto Alegre. Observa-se que a presença do repórter ocorre para abarcar parte da audiência socialmente marginalizada, com um discurso de inserção desses sujeitos na agenda jornalística, utilizando dessa presença/representação para que a audiência se reconheça e se identifique com o produto exibido.

Palavras-Chave: Televisão. Cultura da mídia. Subalternidade. Identidade negra. Crítica diagnóstica.

WHO IS THIS BLACK MAN/WOMAN ON THE MASS MEDIA? AN ANALYSIS OF THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL'S CONTEXT

ABSTRACT

The paper discusses the relations of hegemony, domination and subordination through the perspective of media culture, focusing on the presence of a TV news black reporter in the main television station in Rio Grande do Sul. The discussion is based on the theoretical and methodological contribution by Kellner (2001), known as Diagnostic Critique. This paper analyzes a series of TV news reports on the removal of poor families from the center of Porto Alegre – capital city of Rio Grande do Sul. It is observed that the singling out of the was intended to cover part of the socially marginalized audience, via a discourse of inclusion of these people in the journalistic agenda, using this presence/representation so as the audience recognizes and identifies itself with the product displayed.

Keywords: Television. Media Culture. Subordination. Black identity. Diagnostic Critique.

¿QUÉ NEGRO ES ESTE EN LA CULTURA DE LOS MEDIOS? UN ANÁLISIS A PARTIR DEL CONTEXTO GAUCHO

RESUMEN

El artículo tiene el objetivo de discutir las relaciones de hegemonía y sumisión a través de la perspectiva de la cultura de la media, con foco en la presencia de un reportero negro en la principal red de

¹ Doutorando em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Comunicação, Cultura e Cidadania pela Universidade Federal de Goiás; bacharel em Jornalismo e em Rádio e TV pela Universidade Federal do Maranhão; email: wgrijo@yahoo.com.br.



televisión de Rio Grande do Sul. La discusión está basada en la contribución teórico-metodológica de Kellner (2001), conocida como crítica diagnóstica. Se analiza una serie de reportajes sobre la remoción de familias pobres del centro de Porto Alegre. Se observa que la presencia del reportero ocurre para alcanzar parte de la audiencia al borde de la sociedad con un discurso de inserción de esos sujetos en la agenda periodística, utilizándose esta presencia/representación para que la audiencia se reconozca y se identifique con el producto exhibido.

Palabras clave: Televisión. Cultura de la media. Sumisión. Identidad negra. Crítica diagnóstica.

QUI EST CE NOIR A LA CULTURE DES MEDIAS? UNE ANALYSE DU CONTEXTE DU RIO GRANDE DO SUL

RÉSUMÉ

L'article discute les relations de domination et de subordination à travers le point de vue de la culture médiatique, mettant l'accent sur la présence d'un journaliste noir sur la principale chaîne de télévision dans le Rio Grande do Sul. La discussion est basée sur la contribution théorique et méthodologique des Kellner (2001), connu sous le nom diagnostic critique. Nous analysons une série de rapports sur la suppression des familles pauvres dans le centre de Porto Alegre. Il est observé que la présence du journaliste est de couvrir une partie de l'auditoire socialement marginalisés, avec un discours de l'inclusion de ces questions dans l'ordre du jour des nouvelles, en utilisant cette présence / représentation pour que le public puisse reconnaître et s'identifier avec le produit affiché.

MOTS-CLÉS: TV. Les Milieux de Culture. Subalternité. L'identité noire. Critique diagnostique.

Este trabalho pretende levantar a discussão sobre a presença do negro na mídia brasileira, precisamente, no estado do Rio Grande do Sul, onde devido a uma forte imigração europeia, a trajetória dos afrodescendentes foi colocada em segundo plano pelas elites locais, num fenômeno de invisibilidade. Essa questão se reflete também nos meios de comunicação de massa, como a televisão, não sendo algo exclusivo do sul do país, mas presente nas emissoras de televisão no geral, tanto nas telenovelas quanto nos telejornais.

No contexto da mídia brasileira, ao analisar essa questão, Sodré (1999) indica que presenciamos o chamado "racismo midiático", em que os *media* atuam dentro da esfera cultural como propagadores de modelos, sendo que isso ocorre a partir do ponto de vista dos grupos dominantes. Essa questão sempre foi latente nas telenovelas brasileiras que criaram uma realidade de Brasil reduzindo a importância dos afrodescendentes na constituição fenotípica da população brasileira, ou seja, as produções televisivas criaram a imagem de um país predominantemente branco, contrariando os dados dos institutos de pesquisa sobre raça e cor do brasileiro.

Não podemos perder de vista que, para analisarmos o contexto de subalternidade dos afrodescendentes na sociedade brasileira, é importante a noção de hegemonia de Antonio Gramsci (GRUPPI, 1978), principalmente quando diz que as ideias que circulam na sociedade são aquelas alinhadas aos interesses das classes dominantes. Entretanto, na esfera cultural, elementos valorizados



pela cosmovisão das classes subalternas estão presentes nos produtos das indústrias culturais. Sobre essa questão dos grupos subalternos, Mendonça (2009) considera que há a necessidade de se compreender e identificar os lugares sociais e as condições que propiciam o surgimento e novas falas, novas narrativas.

Neste sentido, concordamos com a perspectiva de Lopes et al. (2002), quando afirmam que nas análises dos processos de produção e recepção é importante atentar para as relações de poder envolvidas, sejam elas de nível micro – mais restritas, ligadas aos próprios ambientes de produção e recepção – ou macro – referentes à estruturação geral da sociedade, sempre dentro de um contexto histórico. E num contexto sócio-histórico de dominantes e dominados, como é o presenciado por este trabalho, se faz necessário adotar normas e valores que possibilitem fazer um estudo crítico dos textos, produções e condições que promovam opressão e dominação.

Assim, nossa análise é baseada na contribuição teórico-metodológica de Kellner (2001), conhecida como *crítica diagnóstica*. Segundo essa perspectiva, deve-se fazer uma interpretação política dos textos da cultura da mídia para analisar as lutas e posições políticas opostas. Assim, a crítica diagnóstica se postula a partir de uma leitura dualista da cultura da mídia para assim compreender as múltiplas relações existentes entre textos e contextos, entre cultura da mídia e história. Neste caso, vamos observar essa questão a partir da produção jornalística de uma emissora de televisão, visto que assim como ocorre nas telenovelas, há poucos exemplos de indivíduos negros na TV brasileira, apesar de termos um elevado contingente populacional de afrodescendentes.

Na maior emissora de televisão do país, a Rede Globo, por exemplo, apenas três jornalistas afrodescendentes possuem grande destaque em nível nacional: Glória Maria, Heraldo Pereira e Zileide Silva. Percebemos também que nos últimos anos a emissora carioca possui uma política de inserção de afrodescendentes dentro de seus telejornais, não somente como repórteres, mas como apresentadores dos noticiários. Um marco importante nessa questão se deu em 23 de novembro de 2002, quando o *Jornal Nacional*, principal telejornal da emissora, teve pela primeira vez um apresentador negro, no caso o experiente repórter, Heraldo Pereira. Tal acontecimento pautou notícias em vários outros meios jornalísticos por se tratar de algo nunca antes presenciado naquela empresa acostumada a lançar apenas jornalistas brancos como apresentadores dos telejornais².

Dentro desse contexto, nosso estudo analisa o papel de um repórter/apresentador negro a partir

² Apesar desse acontecimento ter sido noticiado como algo singular, os telespectadores brasileiros antes disso puderam assistir por mais de uma década a jornalista e apresentadora Glória Maria à frente do programa *Fantástico*, a mais antiga e mais importante revista eletrônica da TV brasileira e atualmente no *Globo Repórter*. Assim como a repórter Zileide Silva, que além da fazer a crônica política de Brasília, em alguns sábados é deslocada para apresentar o *Jornal Hoje*, telejornal vespertino e também um dos mais antigos da TV Globo.



de uma emissora de televisão regional, no caso, o comunicador Manoel Soares da RBS TV, do Rio Grande do Sul, afiliada à Rede Globo. Pretendemos lançar reflexões sobre a importância desse comunicador negro no contexto gaúcho, marcado por uma hegemonia branca de origem europeia, sendo os afrodescendentes geralmente associados às classes populares do estado, o que se reflete também nos meios de comunicação onde quase não há negros como apresentadores e repórteres, sendo Manoel Soares o principal repórter fenotipicamente negro existente na emissora gaúcha³.

Assim, temos como corpus de análise, as reportagens feitas por Manoel Soares para o programa *Jornal do Almoço*, principalmente aquelas do quadro que ele apresenta, intitulado *Comunidade JA*. Para compreendermos melhor a questão do negro do Rio Grande do Sul e a importância da RBS TV no estado, fazemos a contextualização dessas duas questões antes de realizarmos as análises das reportagens, pois tais contextos são importantes para a reflexão feita neste estudo.

A INVISIBILIDADE DA NEGRITUDE GAÚCHA

Neste trabalho de análise da presença de um repórter/apresentador negro dentro do maior sistema de comunicação do Rio Grande do Sul, é importante buscar na história dos negros gaúchos os subsídios necessários para se entender o contexto dessa etnia no estado e, assim, compreender melhor a importância de um comunicador afrodescendente, na maior emissora de televisão local.

Ao traçarmos essa contextualização histórica para entendermos a relação do negro na mídia gaúcha, seguimos a perspectiva teórico-metodológica de Kellner (2001) para análise da cultura da mídia, quando afirma ser fundamental a contextualização sócio-histórica dos fenômenos envolvidos, numa articulação de vários campos (social, econômico, político, cultural etc). Dessa forma, para se refletir sobre a circunstância histórica e sua possível relação com determinado contexto de produção e de distribuição da cultura da mídia, é importante atentar para os aspectos críticos e políticos da questão.

Em relação a sua constituição étnica, o Rio Grande do Sul possui um contexto singular que colocou em segundo plano a presença do negro como agente na formação da sociedade: a forte herança europeia, os intensos movimentos imigratórios (principalmente, italianos e alemães), a figura mítica do gaúcho (em sua origem: o português, o índio e o espanhol), etc. Segundo Germano (2009), todo esse contexto relegou ao silêncio e ao esquecimento uma herança cultural também negra nesta construção social.

³Dentro da RBS TV há outros profissionais afrodescendentes que aparecem no vídeo como, a apresentadora e coordenadora de jornalismo da RBS no município de Rio Grande-RS, Julieta Amaral, e a apresentadora e repórter, Karine Alves, que está há mais de 20 anos na emissora, onde participa do programa *RBS Esporte*.



Nesse contexto, houve conflitos oriundos de uma intensa política de imigração de trabalhadores europeus, alicerçada pela visão eugenista de governantes brasileiros, que investia numa política do branqueamento da população, constituída naquele momento principalmente por negros e mestiços (SCHWARCZ, 1998).

Hegemonicamente, a figura mítica do gaúcho foi construída excluindo-se diversas etnias que compuseram o estado. Se a construção dessa identidade tende a exaltar a figura do gaúcho em detrimento dos descendentes dos colonos alemães e italianos, ela o faz de modo mais excludente ainda em relação ao negro e ao índio (OLIVEN, 1996).

Desta forma, os negros foram negados no tempo enquanto agentes históricos num contexto de desprivilegiamento, não apenas através do silêncio da história oficial, mas também através de representações que alimentaram práticas de discriminação no imaginário social de Porto Alegre, contribuindo para a exclusão ou marginalização, material e simbólica, deste segmento social. (GERMANO, 2009, p. 101-102).

Ao fazermos um breve histórico do negro no Rio Grande do Sul, verificamos que assim como em outras partes do Brasil, os afro-descendentes chegaram ao Rio Grande do Sul na condição de escravos por volta de 1680, desempenhando importante papel na consolidação da presença luso-espanhola na região. Na contramão do que ocorria no restante do país no período escravocrata, em terras gaúchas, a mão-de-obra não se concentrava predominantemente no escravo negro, haja vistas indígenas, espanhóis e portugueses trabalhavam ao lado dos cativos.

No século XIX, o declínio da produção do charque e os prejuízos causados por essa conjuntura são apontados pelos historiadores gaúchos como um dos motivos da Guerra dos Farrapos. Nesse período de revolta das elites gaúchas contra o Império, os escravos negros foram elemento fundamental nas batalhas travadas contra a Coroa Imperial. Apesar dessa forte participação dos negros nas lutas pelos direitos dos cidadãos gaúchos, a liberdades dos cativos nunca foi um fator de convergência das ideias das elites patrocinadoras da guerra. Mesmo como escravos, os negros participavam das tropas de lanceiros, atuando na infantaria e na cavalaria, tendo crucial importância durante os dez anos de rebelião. Já no fim da revolta contra o Império, houve um dos acontecimentos mais controversos da história do negro no Rio Grande do Sul: a batalha ou massacre dos Porongos⁴.

⁴ Na madrugada de 14 de novembro de 1844, tropas imperiais comandadas pelo Coronel Francisco Pedro de Abreu (Moringue) atacaram o exército farrapo, em especial o Corpo de Lanceiros Negros liderado pelo General Davi Canabarro. Com o ataque, cerca de 100 soldados farroupilhas que estavam no local foram mortos e outros tantos foram feitos prisioneiros. Eram, em maioria, escravos que lutavam para obter a liberdade. Essa questão ainda é tratada como uma chaga pelo movimento negro gaúcho nos dias atuais, pois não se tem provas suficientes da traição do General Canabarro.



Em outro momento de conflito armado, na Guerra do Paraguai, entre 1864 e 1870, os cativos negros gaúchos que se dispuseram a lutar com as tropas brasileiras receberam a promessa de serem recompensados, com a liberdade, o que não ocorreu de fato após o fim das batalhas. Ao mesmo tempo, filhos de famílias escravocratas para não participarem da guerra enviavam escravos em seus lugares.

Tempos depois, quatro anos antes da promulgação da Lei Áurea, algumas províncias, do país, incluindo o Rio Grande do Sul, aboliram a escravidão, entretanto, os ex-cativos deveriam trabalhar por mais cinco anos para assim terem liberdade plena. Os anos de trabalho a mais eram justificados pelos senhores como forma de serem indenizados pelos gastos que tiveram com os ex-cativos. De fato, a abolição só ocorreu em 13 de maio de 1888, com a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel.

Apesar de toda esta invisibilidade do negro na sociedade gaúcha, os trabalhos de Maestri (1993; 2006) e Germano (2009) apontam que o Rio Grande do Sul, até as vésperas da abolição, era o sexto colocado em relação ao número de escravos no país, perdendo apenas para o Maranhão, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Mesmo tendo presenciado contextos diferentes, se comparado ao estado gaúcho, todas estas outras localidades são até hoje identificadas pela acentuada presença de negros e pardos, ou seja, de afrodescendentes, diferentemente do Rio Grande do Sul, caracterizado como um estado branco.

Assim como no restante do Brasil, o fim da escravidão não significou melhorias reais na vida dos negros, que passaram a habitar as periferias das cidades – surgindo, assim, favelas –, a viver a experiência do subemprego, sem condições básicas de educação, saúde, saneamento básico.

Na capital Porto Alegre, por exemplo, o contexto que leva os negros a habitar as zonas periféricas da cidade vai desde a “limpeza” dos becos no período de urbanização e modernização de áreas centrais da cidade, no final do século XIX, até as remoções de núcleos habitacionais inteiros que formavam as favelas porto-alegrenses das décadas de 1950 (também denominadas de vilas), como a Ilhota. Entretanto, a retirada desses núcleos levou à constituição de bairros periféricos atuais como a Restinga, Vila Jardim, por exemplo, cuja origem liga-se à desterritorialização de áreas negras da cidade, como Cabo Rocha, Ilhota, Colônia Africana e Areal da Baronesa.

É importante essa contextualização do negro no Rio Grande do Sul e, por consequência, em Porto Alegre, já que esses bairros periféricos ou comunidades – conforme denominação dada dos próprios moradores – são os locais visitados pelo repórter/apresentador Manoel Soares, quando realiza as reportagens para o quadro *Comunidade JA*. Ou seja, os sujeitos dessas reportagens se tratam de descendentes desses negros que tiveram uma grande participação na história do Rio Grande do Sul, mas que ficaram quase invisíveis na história oficial difundida pelas elites e que nos últimos tempos passaram a ser vistos como importantes para as emissoras de televisão, devido ao aumento do poder aquisitivo das classes populares ocorrido no Brasil nos últimos anos, com a diminuição do



número de famílias vivendo abaixo da linha de pobreza e um volumoso aumento daquelas que atingiram o patamar da chamada classe média⁵.

Em relação aos dados mais amplos sobre o contexto étnico no Rio Grande do Sul, segundo o IBGE⁶, quase 20% da população gaúcha é composta de afrodescendentes: 4,9% de negros e 13,2% de pardos. Esses números são inferiores à média nacional, mas mostram ainda sim uma significativa parcela desses brasileiros num estado com forte presença de descendentes de imigrantes europeus. O estado se destaca ainda, em termos proporcionais, pelo número de pessoas pertencentes às religiões afro-brasileiras. Segundo o IBGE, no ano 2000, 1,62% da população gaúcha se declarou adepta dos cultos afro-brasileiros, contra 1,31% no Rio de Janeiro, que ocupa o segundo lugar; na Bahia, apenas 0,08% assumiram a adesão. Em âmbito nacional, 0,3% da população declarou-se pertencente à religião afro-brasileira.

A capital gaúcha é conhecida ainda por situar o primeiro quilombo urbano no país, reconhecido pelos órgãos federais, e conta ainda com outras três comunidades desta natureza em seu território, em busca do reconhecimento e regularização das terras junto ao poder público. Na região metropolitana, há também outras seis comunidades que buscam a titulação de quilombos.

Em relação aos meios de comunicação gaúchos, a partir de informações obtidas pela pesquisa de Cogo e Machado (2011) sobre as redes de negritudes e os usos de tecnologias para uma cidadania comunicativa de afro-brasileiros, pudemos ter acesso a casos pontuais da participação do negro na comunicação do Rio Grande do Sul. Essa contribuição já aparecia no século XIX, com jornais produzidos por negros na capital e no interior do estado. Na maioria das vezes esses periódicos eram usados como forma de resistência cultural e contestação da proibição do acesso de afro-brasileiros aos clubes da elite gaúcha. Segundo as autoras, naquele contexto, a comunicação era usada também como forma de executar atividades estratégicas de socialização para ajudar na ascensão social dessas pessoas. Já na década de 1990, o Centro Ecumênico de Cultura Negra realizou projetos comunicacionais, como o *Jornal Como é*⁷ e a *Revista Conexão Negra*⁸.

⁵Um levantamento do Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas Avançadas) em cidades brasileiras, incluindo Porto Alegre, revelou que o número de pessoas pobres –com renda igual ou inferior a meio salário mínimo – caiu de 35% para 24,1% no período de 2003 a 2008. Em relação à classe média, um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostra que ela já representa mais da metade da população brasileira (51,89%); em abril de 2002, esse número era de 44,19%. Fonte: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/2008/08/05/ult23u2584.jhtm>. Acessado: 01/02/2012.

⁶Dados da Pesquisa Nacional de Amostra em Domicílio 2010, fornecidos pela Supervisão de Documentação e Disseminação de Informações do IBGE/RS.

⁷Com circulação entre 1995 e 1998.

⁸Circulou apenas no ano de 2003.



A própria RBS TV também abriu espaço em suas produções audiovisuais para a questão da negritude, com filmes como *Ilha Negra*, *Negras Imagens*, *Cabo Toco*, *O Príncipe Negro*, *Charqueada São João Cândido* e *O Negro Hoje*. As emissoras de televisão públicas do estado também colocam os negros gaúchos em suas programações: na TV Educativa, dois programas neste âmbito, *Hip Hop Sul* (desde 2002) e *É geral: o samba e suas origens*, produzidos e apresentados por integrantes do movimento negro. A TV Assembleia RS colocou no ar, em 2005, o programa *Confraria Castro Alves*, com produção e apresentação de representantes do movimento negro gaúcho, em que discutiam temas como quilombos e religiões afro-brasileiras.

O CONTEXTO COMUNICACIONAL

Ao refletirmos sobre a presença de um repórter/apresentador negro numa emissora de televisão gaúcha inserida num contexto em que um grupo hegemônico “invisibilizou”, ao longo dos anos, a contribuição da etnia negra na formação socioeconômica e cultural da região, estamos entrando numa discussão ligada à ideia de hegemonia, conforme a perspectiva gramsciniana, numa disputa entre dominadores e grupos socialmente marginalizados. Dentro dessa linha de pensamento, consideramos que a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual, grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio e que os indivíduos vivenciam essas lutas através de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia (KELLNER, 2001).

Neste trabalho, pensamos os subalternos como toda uma gama de afrodescendentes gaúchos, cujo processo de exclusão histórica os colocou à margem do chamado desenvolvimento econômico pela lógica do mundo capitalista, enquanto o poder hegemônico está consubstanciado – pela perspectiva da comunicação – na emissora RBS TV, principal divulgadora de uma cultura gaúcha branca para o resto do país.

Assim, precisamos compreender o processo histórico que tornou a emissora umas das principais deste segmento no Brasil. A Rede Brasil Sul de Televisão (RBS) foi, no âmbito nacional, a primeira emissora afiliada à Rede Globo, sendo atualmente um dos maiores conglomerados de comunicação do país, cujos sócios majoritários pertencem à família Sirotsky, de origem judia, e detentora de uma das maiores rendas do sul do país. A emissora de televisão nasceu em 1962 ainda com o nome de TV Gaúcha, mas cinco anos depois, quando se associou à Rede Globo, passou a ser conhecida pelo nome atual: RBS TV.

Na atualidade, a empresa é a maior rede regional de televisão da América Latina, com um conjunto de 18 emissoras de televisão afiliadas e integrantes da Rede Globo, cobrindo 99,7% dos domicílios com televisão, nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. No contexto das emissoras afiliadas à Rede Globo, a RBS TV desde a década de 1990 passou a deter o maior percentual de horas de produção local, atingindo cerca de 15% da grade de programação.



Isto explica também porque, na sua gênese, o grupo RBS incorporou emissoras locais com forte penetração nos municípios gaúchos que já geravam programas próprios. Dentro dessa programação, que intercala produções nacionais e locais, a RBS TV se coloca como um porta-voz da identidade gaúcha, produzindo programas especiais que resgatam questões históricas, culturais e artísticas do Rio Grande do Sul, materializadas em documentários, ficções seriadas, programas jornalísticos, entre outros.

Quanto à grade de programação, a RBS TV tem entre seus principais programas: *Bom Dia Rio Grande*⁹, *Jornal do Almoço*, *Globo Esporte*, *RBS Notícias* (diários), *Campo e Lavoura*, *Teledomingo*, *Lance Final* (aos domingos). Nos telejornais diários, a emissora intercala noticiário de todo o estado e blocos locais, nos quais veicula as notícias pertencentes a cada região (município) onde atua.

Dentre os programas jornalísticos da emissora, o que possui maior destaque é o *Jornal do Almoço*, o mais antigo em veiculação, atualmente com quase uma hora de exibição, com blocos locais e uma linguagem mais informal, misturando *hard* e *soft news*. O programa estreou em 1972, num contexto televisivo em que as produções locais não tinham espaço dentro do sistema da Rede Globo. No seu atual formato, ainda continua com uma linguagem menos formal, tendo 45 minutos de duração, com blocos específicos para regiões do Rio Grande do Sul com emissoras locais e sendo um espaço de tematização e divulgação da cultura gaúcha.

As emissoras do interior do estado produzem um ou dois blocos locais, que são transmitidos apenas para suas regiões de cobertura, sendo o restante do programa produzido e transmitido da sede da emissora, em Porto Alegre. Apesar do tempo, o *Jornal do Almoço* continua com uma das maiores audiências da emissora. Segundo dados do Ibope¹⁰, durante sua exibição algumas emissoras passam de 80% de *share*¹¹, ou seja, nesses municípios, em cada 10 domicílios, 8 estão sintonizados no programa diariamente¹².

Atualmente, o *Jornal do Almoço* é apresentado por Cristina Ranzolin, que acumula também o cargo de editora. Assim como no seu surgimento na década de 1970, ainda há a presença de comentaristas e colunistas ao longo do programa, entre eles Manoel Soares que apresenta a reportagem da semana no quadro *Comunidade JA*¹³ em que, geralmente às terças-feiras, aborda a realidade de

⁹O programa não é veiculado aos sábados e domingos.

¹⁰Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

¹¹Participação de uma emissora, em porcentagem, no número de televisores ligados e medidos pelo instituto de pesquisa.

¹²<http://gruporbs.clicrbs.com.br/blog/2010/08/11/nova-pesquisa-de-audiencia-do-ibope-reafirma-lideranca-da-rbs-tv-no-interior-do-rs-e-de-sc/>. Acessado: 12/01/2012.

¹³Essa participação se entende também na Internet através das redes sociais como *Facebook* (<http://www.facebook.com/group.php?gid=354384959849>) e *Twitter* (http://twitter.com/#!/comunidade_ja).



alguma comunidade pobre, principalmente de Porto Alegre e região metropolitana, num formato que foge ao padrão das outras reportagens apresentadas dentro do telejornal, conforme explicaremos mais a frente.

É este quadro do programa que delimitamos como o objeto de pesquisa. Por meio desse exame, refletimos criticamente sobre a participação/presença do negro dentro da emissora gaúcha. O repórter/apresentador Manoel Soares¹⁴ é bastante conhecido nas comunidades pobres de Porto Alegre e no interior do estado pelos trabalhos de âmbito social que executa e por participar do movimento *Hip Hop*, antes mesmo de ter vínculo com a emissora da família Sirotsky.

O perfil do repórter/apresentador tem estrita ligação com o contexto do trabalho que executa, uma vez que ele é oriundo da periferia de Salvador-BA e teve contato com comunidades pobres de outros estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal para depois fixar residência no Rio Grande do Sul. Sua carreira como “jornalista prático”¹⁵ destacou-se pela abordagem do cotidiano das periferias. Como reconhecimento de seu trabalho com a população negra, ele foi premiado pelo grupo Cultural Afro Reggae. Concomitante ao trabalho na televisão, Manoel Soares é locutor do programa radiofônico *Perifa*, colunista do jornal de cunho popular, *Diário Gaúcho* e constantemente tem artigos publicados no tradicional diário *Zero Hora*, todos pertencentes ao conglomerado gaúcho RBS. O mesmo, é coordenador executivo da Central Única das Favelas (CUFA) no Rio Grande do Sul, atuando em atividades para amenizar problemas relacionados aos jovens da periferia do estado. A CUFA-RS incentiva projetos na área da comunicação (voltados para democracia da informação, direitos humanos e justiça social) e promove atividades em outras áreas como: educação, lazer, esportes, cultura.

O EPISÓDIO DA REMOÇÃO DA VILA CHOCOLATÃO

Para melhor visualizar a importância do repórter/apresentador Manoel Soares para a propagação do discurso hegemônico da RBS TV junto às camadas populares da sociedade gaúcha, tomamos como análise o episódio da remoção dos moradores da Vila Chocolate, no centro de Porto Alegre. Realizado no ano de 2011, com grande cobertura da mídia local, o acontecimento foi alvo de muitas críticas quanto ao futuro daquelas famílias pobres. Entretanto, o deslocamento dessa comunidade foi apresentado como de grande importância para a viabilização das obras de revitalização do centro da capital visando aos preparativos para a Copa do Mundo de 2014, algo de grande interesse para os

¹⁵ Apesar de atuar como repórter e apresentador, Manoel Soares ainda é aluno do curso de Jornalismo da Unisinos, em São Leopoldo-RS.

¹⁴ Para a realização deste trabalho, tentou-se entrevistar o jornalista Manoel Soares, como forma de obter informações diretamente com ele, entretanto, não se obteve resposta.



órgãos públicos e grupos econômicos locais assim como para a RBS TV, afiliada à Rede Globo, detentora dos direitos de transmissão dos jogos.

A Vila¹⁶ Chocolatão era uma área localizada no centro de Porto Alegre, composta majoritariamente por afrodescendentes catadores e recicladores de materiais descartados, os quais são coletados nas ruas do centro da cidade. Com a remoção, a Prefeitura porto-alegrense prometia uma nova área para a comunidade, distante cerca de 10 quilômetros da antiga localidade. Entretanto, a nova localização prejudicaria o trabalho diário de coleta do material reciclável, haja vista os catadores terem que fazer esse percurso todos os dias.

Com a proximidade da Copa do Mundo no Brasil e o início das obras na cidade para recepção dos futuros turistas, a remoção dos moradores da vila se tornou um objetivo da Prefeitura que se utilizou dos meios de comunicação para divulgar a ideia dos possíveis benefícios com o deslocamento da comunidade. Para isso, utilizou comerciais nas televisões locais e propaganda ostensiva em jornais como *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*. O site ClicRBS¹⁷ disponibilizou aos seus usuários um recurso tecnológico em que os internautas poderiam acompanhar a destruição das casas e como o terreno ficaria após as obras de revitalização. Como forma de amenizar as críticas oriundas de segmentos da sociedade porto-alegrense, a Prefeitura financiou campanha publicitária para divulgar a nova área de moradia dos catadores, chamado de “Residencial Nova Chocolatão”, que foi apresentado com um *upgrade* na vida daquelas pessoas que passariam a ser donas de casas em condições melhores do que as que possuíam outrora e serviria como parâmetro para futuras remoções.

Quanto à análise do trabalho do repórter/apresentador Manoel Soares, realizamos a observação do quadro *Comunidade JA*¹⁸ sobre o processo de remoção das famílias da Vila Chocolatão, sendo que para o *corpus* de análise da pesquisa, delimitamos uma série de reportagens realizadas nos mês de novembro. As reportagens foram feitas quando o comunicador, segundo indicou o próprio *Jornal do Almoço*, passou uma semana na comunidade e conviveu com o cotidiano dos moradores.

Para fazer a análise, observamos elementos que configuram propriamente aspectos da linguagem televisiva: os recursos de filmagem, edição e montagem de imagem e de som empregados – e os recursos propriamente verbais. Segundo Kellner (2001), as diferentes posições ideológicas são transmitidas em produções audiovisuais por imagens, figuras, posicionamentos de câmera, enquadramentos, cenas, códigos genéricos e pela narrativa como um todo. Ele aponta que a crítica diagnóstica é capaz

¹⁶ No Rio Grande do Sul, o termo “vila” tem sentido de “favela”.

¹⁷ http://www.clicrbs.com.br/swf/especial_vila_chocolatao/index.html

¹⁸ A análise é feita a partir da série de reportagens sobre a remoção da Vila Chocolatão, entretanto, nossas observações sobre o *Comunidade JA* se estenderam entre os meses de outubro, novembro, dezembro de 2010 e janeiro de 2011.

de mostrar o quanto é complexa, contraditória e questionada a hegemonia, uma vez que ela é da ordem da pluralidade, sendo constituída por diferentes textos.

TABELA 1: *Corpus de análise – Série de reportagens veiculada em novembro de 2010*

Data	Assunto	Local
24/11/2010	Cotidiano dos moradores.	Vila Chocolateão, Porto Alegre
25/11/2010	Remoção das famílias da Vila Chocolateão.	Vila Chocolateão, Porto Alegre
26/11/2010	Realidade da Vila Chocolateão.	Vila Chocolateão, Porto Alegre

Fonte: Sites da RBS TV e Click RBS

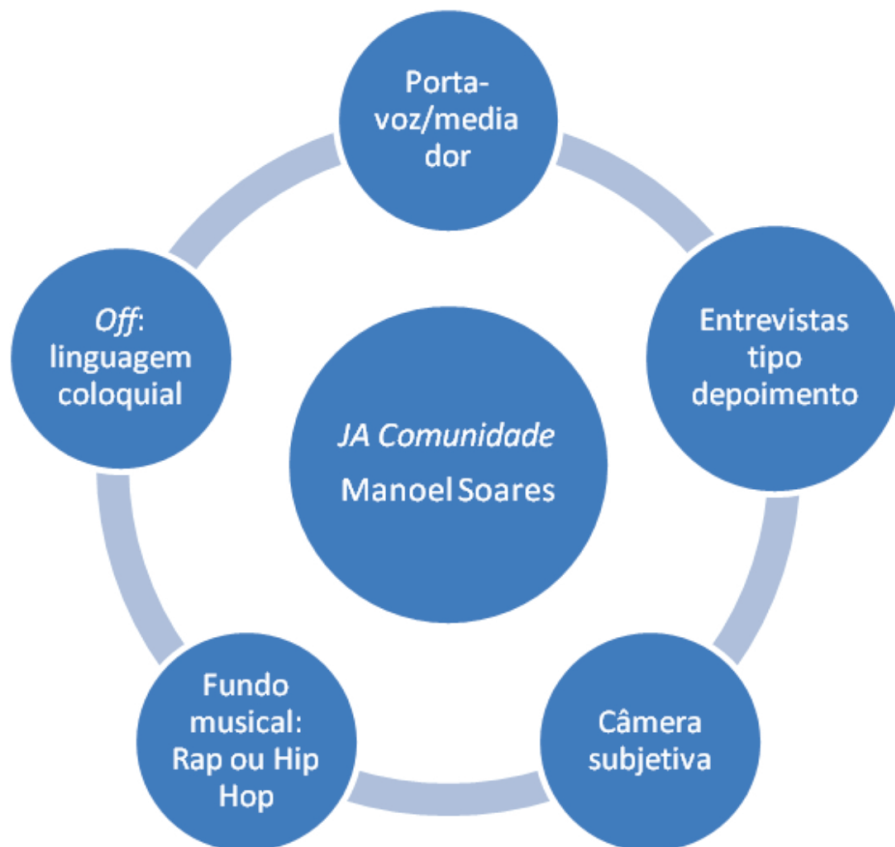
As três reportagens que compõem a série tratam da mesma pauta: a remoção das famílias da Vila Chocolateão. Contudo, as reportagens se desmembraram em outros subtemas: a primeira faz um panorama sobre o cotidiano do local, sobre as relações de comunitarismo entre as pessoas, sendo uma reportagem de caráter emotivo sobre a vida de luta, mas ao mesmo tempo de sentimentos nobres dos moradores da favela, apesar das dificuldades corriqueiras; a segunda aborda os problemas de violência a que as pessoas da localidade estão sujeitas, como brigas, agressão policial, sendo que o alcoolismo é colocado com um dos principais responsáveis por essa questão; por fim, a terceira reportagem trata da situação das casas das famílias na Vila Chocolateão e mostra como serão as novas moradias no local para onde seriam removidas, como forma de mostrar os “benefícios” da remoção. A família de uma menina de quatro anos é usada como figura central da reportagem para mostrar as melhorias nas condições de moradia que essas pessoas poderiam ter após a mudança.

Nesta última reportagem, após sua exibição houve um debate ao vivo nos estúdios do *Jornal do Almoço* entre o prefeito de Porto Alegre e moradores da Vila Chocolateão, que discutiram problemas acarretados pela remoção. Durante o debate, o repórter/apresentador Manoel Soares se manteve ao lado dos moradores a serem removidos, se tornando ao longo do debate um porta-voz/mediador das questões da periferia, como ele já faz rotineiramente em seu trabalho.

A estrutura técnica das reportagens é basicamente a mesma nas três, com o uso de entrevistas em forma de depoimento, aproximando-se de um documentário. O movimento de câmera não cumpre o mesmo padrão das outras reportagens veiculadas pelo telejornal, sendo semelhante ao movimento de câmera subjetiva, comum na narrativa cinematográfica, inclusive com oscilações. Como som de fundo há músicas do gênero *Rap* ou *Hip Hop*. Ainda nessa parte da música como elemento da reportagem, tanto a abertura quanto o encerramento são feitos por versos de *Hip Hop* compostos pelo próprio Manoel Soares, deixando uma impressão de que esse estilo musical é o que mais caracterizaria a periferia e as camadas populares.

Outra questão relativa à estrutura das reportagens diz respeito ao conteúdo do texto em *Off* do comunicador, cuja narração toma forma de relato de experiência, com um cunho etnográfico e sem

FIGURA 1: Elementos comuns nas reportagens.



Não podemos esquecer também que, em um estado majoritariamente branco, um comunicador afrodescendente com grande destaque e que se apresenta como porta-voz das camadas mais pobres possivelmente incita algum tipo de identificação e talvez maior aceitação do que é defendido por ele em suas reportagens. Ou seja, a penetração e a aceitação de Manoel Soares entre as classes populares são utilizadas a favor da empresa jornalística da qual ele faz parte. Cria-se assim uma situação ambí-



gua, uma vez que o contexto comunicativo dele mostra-o como um repórter/apresentador alinhado à causa dos grupos sociais marginalizados, mas, ao mesmo tempo, a serviço da maior emissora de televisão do estado, com negócios dos mais variados tipos e possivelmente com interesses reais na remoção imediata dessas famílias do centro de Porto Alegre.

Dessa forma, o fato de o repórter afrodescendente assumir o papel de mediador junto às classes populares, num contexto comunicativo de mídia hegemônica, serve para “redefinir” a lógica da mídia gaúcha. Neste caso seria um tipo de jornalismo preocupado em mostrar a realidade dos menos favorecidos e dar voz aos subalternos, o que de fato ocorre, mas claro, sob um viés dos interesses políticos e econômicos do Grupo RBS. Ou seja, no contexto da televisão gaúcha, temos um exímio exemplo de afrodescendente com grande destaque, que saiu da condição de invisibilidade que atinge a maior parte dos indivíduos desse grupo étnico da população sul-rio-grandense.

Contudo, trata-se de uma visibilidade regulada de acordo com os interesses políticos, econômicos e sociais da empresa à qual está atrelado. Ou seja, conforme diz Hall (2003), os negros obtiveram mais espaço nos últimos tempos, mesmo estando subordinados às forças hegemônicas, sendo essas conquistas poucas e dispersas, ao mesmo tempo, que são atenciosamente policiadas e reguladas. Em síntese, a condição de invisibilidade que sofria o negro se tornou uma visibilidade seriamente regulada e segregada.

QUE NEGRO É ESSE NA MÍDIA GAÚCHA?

Aqui é importante tentar responder esse questionamento, parafraseado do artigo de Hall (2003), a partir de outra indagação presente num artigo muito importante para os estudos das classes marginalizadas, *Can The Subaltern speak?* (SPIVAK, 1999)¹⁹, da pesquisadora de linha pós-colonial Gayatri C. Spivak, que coloca em discussão as possibilidades de emancipação das classes periféricas. Como o negro gaúcho passou por todo um processo de invisibilidade dentro da história oficial do estado, o fato de um afrodescendente estar numa posição de destaque no maior meio de comunicação local nos incita a ter esses questionamentos em mente, sem necessariamente termos respostas imediatas e eficazes.

Ao fazermos essa observação sobre a presença do negro no âmbito da produção de uma emissora de televisão, trazemos para a pauta da discussão da pesquisa em comunicação a necessidade de se pensar a televisão e as representações que ela faz a partir de seus programas e das condições de produção. Aqui, tomamos como objeto de estudo um comunicador afrodescendente, dentro de uma

¹⁹ Tradução: Pode o subalterno falar?. SPIVAK, Gayatri. *Can The subaltern speak?* In: **Toward a history of the vanishing present**. Mass: Havard University Press, 1999.



empresa de comunicação hegemônica, com grandes índices de audiência em um dos estados onde a população afrodescendente é minoria e cuja importância foi subjugada ao longo dos anos pelas elites locais. Se formos refletir pela concepção gramsciana de classe, no contexto gaúcho, o negro – assim como no Brasil, representa a classe subalterna, marginalizada historicamente pelos setores dominantes.

Percebemos que para “falar” e se fazer legitimar entre esses segmentos da audiência (afrodescendentes e/ou camadas populares), a RBS TV legitima seu discurso a partir do próprio negro, no caso Manoel Soares, referendado pelo trabalho social que realiza ao longo dos anos, com grande penetrabilidade dentro das populações pobres gaúchas. Devemos ponderar ainda que a função desse comunicador não está voltada exclusivamente para ser representante dos negros nos telejornais da emissora gaúcha, mas principalmente das camadas populares, inclusive de pessoas fenotipicamente brancas.

No caso da série de reportagens analisada nesta pesquisa, sobre a remoção dos moradores da Vila Chocolação, o fato da emissora ter colocado um jornalista de temática social à frente dessa cobertura, tirou em parte o caráter polêmico da questão, pois abordou apenas o cotidiano de ajuda mútua entre as pessoas, o drama de pobreza das famílias e as dificuldades que poderiam encontrar no novo espaço. Entretanto, as reportagens não aprofundaram o fato da remoção se tratar de uma “limpeza” no centro da capital, como já fora realizada no início do século XX, no que se chamou de “higienização”; mas dessa vez houve o interesse aguçado pela realização da Copa do Mundo no Brasil, com o aval de grandes empreiteiras do estado, algumas grandes patrocinadoras dos veículos de comunicação do grupo RBS.

Por fim, indicamos que a presença do repórter afrodescendente num dos programas de maior audiência e penetrabilidade do Rio Grande do Sul está inserida num contexto macro, de lógica de produção capitalista, num conglomerado midiático, que entende como necessário abarcar parte de sua audiência socialmente marginalizada, com um discurso politicamente correto de inserção desses sujeitos na agenda jornalística, utilizando dessa presença/representação para que os telespectadores se reconheçam e se identifiquem com o produto exibido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, V. C.; LUZ, J. V. O sistema de produção de teledramaturgia na RBS TV. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre. n° 39. Agosto, 2009.

COGO, D.; MACHADO, S. Redes da negritude: usos das tecnologias e cidadania comunicativa de afro-brasileiros. In: MORIGI, V. J.; GIRARDI, I. M. T.; ALMEIDA, C. D. (Org.). *Comunicação, informação e cidadania: refletindo práticas e contextos*. Porto Alegre: Sulina, 2001.



GERMANO, Í. Carnavais de Porto Alegre: etnicidade e territorialidades negras no Sul do Brasil. IN: SILVA, G. F.; SANTOS, J. A. (Org.). *RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

GRUPPI, Luciano. *O Conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1978.

HALL, S. Que negro é esse na cultura negra? In: *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org: SOVIK, L. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KELLNER, D. A voz negra: de Spike Lee ao rap. In: *A Cultura da Mídia*. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru-SP: EDUSC, 2001.

LISBOA FILHO, F. F. Televisão regional: midiaticização da gauchidade. *Anais... X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*, Blumenau-PR, 2009.

LOPES, M. I. V. et al. *Vivendo com a Telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.

MAESTRI, M. *O escravo gaúcho: resistência e trabalho*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.

MAESTRI, M. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

MENDONÇA, M. L. (Org.). *Mídia e diversidade cultural: experiência e reflexões*. Brasília: Casa das Musas, 2009.

OLIVEN, R. G. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, I. B. (Org.). *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

SCHWARCZ, L. M. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SODRÉ, M. *Claros e escuros*. Identidade, povo e mídia no Brasil. 2ª ed. Petrópolis. Vozes, 1999.

SOUZA, C. A. *O fundo do espelho é outro: quem liga a RBS liga a Globo*. Itajaí: Univali, 1999.

*Recebido em julho de 2012
Aprovado em setembro de 2012*